

Jornal das Senhoras – Tomo V. – 02 de abril de 1854 – Edição 14

Link: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=2727901638234&pagfis=1089>

3º ANNO.

TOMO V. – DOMINGO, 2 DE ABRIL DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrarão-se na ultima pagina da capa.

Selo: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

MODAS.

Estava quasi, minhas leitoras, remmettendo-vos hoje para os jornaes de moda francezes: tal é a indisposição com que estou para escrever este artigo: demais vamos tratar de *toilettes* de baile, e não ha quem os eleve mais (que é a minha missão e o vosso gosto), não ha quem os fundamente melhor – até mesmo encontrando principios fundamentaes delles, já não fallo na moral social, mas na religião de todos os terupos – pagã, protestante e christã –, do que as paginas desses jornaes de que vos fallei, que tratão scientifica e profundamente da materia de que estou incumbida. Mas considerando que, se essas razões fossem sufficientes para eu deixar de escrever hoje este artigo, em virtude da minha Louca vontade, nunca haveria artigo de modas no *Jornal das Senhoras*, porque ellas presidirião sempre; considerando além disso que seria um sofisma com que vós todas, meninas expertas e experientes, darieis á primeira vista, não pude furtar-me a escrever estas linhas, muito insipidas, debaixo do titulo – Modas.

Vereis, nela gravura e pela descripção, que differença espantosa soffrêrão os *toilettes de baile* do anno passado para cá.

Então eu vos vi, minhas leitoras, com enfeites resplandecentes, é bordados de ouro e prata, que por certo adornávão muito, mas que tinham um defeito para mim: era que, sendo *bom*

tom actual, davão á moda uma certa arrogancia luxuosa, que na minha opinião não é a melhor physionomia ou o melhor olhar dessa deusa que nos tem pregadas aos degrãos de seu altar. A substituição que se fez desses enfeites pelos de flores e folhagens delicadas que fazem do vestuario inteiro como que um bello *bouquet*, de cujo centro se ergue o calix soberbo de uma magnolia branca e garbosa, ou de uma camelia amorenada e espirotuosa, ou mesmo de uma rosa pallida e candida, foi uma substituição feliz e que prova esse grande principio que *maniacamente* tenho estabelecido – que a *moda*, como todas as artes e sciencias, progride sempre. E notai uma cousa, minhas leitoras, que o progresso em tudo tende sempre a simplificar, que é tambem o que acontece no nosso caso. Não será por certo de uma beleza mais simples o *toilette* enfeitado de ramagens e de flores delicadas, do que os outros do anno passado, que tinham ainda mais o inconveniente de ser pesados?

Pelo menos para mim; mas como é materia de gosto, talvez meus argumentos não convenção de minha opinião.

Aqui paro: já sabeis a *grande* razão do meu laconismo: não posso porêr dizer-vos adeus sem vos rogar que vos apresenteis no *Cassino* com esses bellos *toilettes* que vos offereço hoje. Parece-me

que a frescura das flores e folhagens desses enfeites farão nossos corações no baile gozar de um lenitivo fresco e suave: pelo menos os olhares ardentes, que nos lançarem, terão primeiro de crestal-as, para poderem chegar até a alma – que já é uma grande vantagem, porque apaga-thes metade da força.

Ritinha.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIOS DE BAILE.

N.º 1. — Vestido de escomilha branca, de tres folhos, sendo o ultimo pregado na cintura. Os folhos são embainhados, e com uma fita de setim da largura de dous dedos, passada nas bainhas. Sobre cada folho uma grinalda de flores escarlates com folhagem verde e ouro.

Corpo de bico adiante e atraz.

Berthe de escomilha guarneçada de blonde e coberta por uma igual grinalda das mesmas flores que enfeitão a saia.

Na cabeça a grinalda é também das mesmas flores e folhagem.

N.º 2. — Vestido de *tul illusion*, branco, de duas saias bordadas de matiz. Sahida de baile, de cachemire branca, enfeitada de veludo *épinglé* cor de rosa.

Penteado de blonde, flores e fita.

O GAZ.

Entendo por nosso rigoroso dever, ajudarmo-nos uns aos outros, conforme as nossas forças, que é para irmos com a lei de Deus adiante dos olhos.

Vou portanto repetir o que li a respeito do gaz – o que é gaz, e como se fabrica o gaz – e espero desta forma habilitar aquellas das minhas amigas, leitoras do *Jornal das Senhoras*, e mesmo..... muita outra gente que não se dá ao trabalho de ler semelhantes ninharias, a conversarem com mais conhecimento de causa sobre a materia da ordem do dia – que vem a ser a illuminação a gaz da nossa cidade.

O modo de aproveitar (repito o que li) o gaz na illuminação das ruas e casas foi descoberto por um engenheiro francez chamado Lebon, ha cousa de quarenta e sete annos.

As circumstancias que determinarão a sua applicação forão as seguintes: Pelos annos de 1663 Becher, insigue chimico, descobriu que o carvão, quando calcinado em vasos fechados fornecia uma especie de oleo semelhante ao alcatrão e capaz de o substituir. Por experiencias feitas em 1758 na Alsacia, para a extracção deste oleo, provou-se que o carvão calcinado que restava na retorta era excellente para a fundição de ferro e para os usos domesticos. Em 1768 Mr. de Limbourg, querendo repetir as experiencias nas forjas de Theuse, no principado de *Liege*, substituiu as retortas de barro, que se usavão, por outras de ferro fundido, por serem de maior duração e se lhe poder adaptar uma porta para introduzir e extrahir o carvão. As mesmas experiencias para a extracção daquelle oleo tiveram logar, e com vantagem, na França e Inglaterra, e, emquanto se fazião, vierão no conhecimento de que, além dos productos solido e liquido, se desenvolvia um gaz inflammavel composto de *carbone* e *hydrogenio* de que até então ninguem lizera caso.

Em 1799 Lebon concebeu a idéa de tirar deste gaz alguma utilidade, e no mesmo anno, depois de varias experiencias, illuminou com elle a sua casa e jardim em Pariz, conduzindo por meio de canudos o gaz de um reservatorio para os candieiros, que terminavão em pequenos

tubos e uma torneira para abrir e acender o gaz, ou fechar e apagal-o. Pouco depois Lebon applicou o seu processo, em ponto maior, ao theatro de *Louvois*, onde esteve em uso por muitos mezes. Este processo é o mesmo que hoje se usa em Inglaterra; porém em ponte grande: a differença que havia na descoberta de Lebon é que o gaz de que elle se servia era extrahido da calcinação da madeira, e que os Inglezes o extrahem do carvão de pedra.

Para o numero seguinte darei um resumo deste processo, que tambem li em outra publicação que me merece muito conceito.

Viscondessa da...

— 106 —

UM AMOR DE MULHER.

ROMANCE.

(Continuado do n.º 11.)

IX.

« Quando se tem a alma doente, a vida é um pesadello de louco – uma cousa sem sentido; o passado é um montão de ruínas – a expressão do pó – a linguagem das cinzas – a idéa do nada; o futuro – um tumulto destampado, onde somente se vê no fundo vermes famintos roendo os ossos pôdres dos cadáveres.

« O tédio é então a unica animação do espirito, e o coração parece morto: vive-se, mas vive-se sem uma illusão, sem um sonho, sem uma crença – atheo ás vezes – quasi sempre espectador satyrico, dessa farça ridicula, que tem por palco o mundo.

« Quando já se tem gozado – ao meio dia da vida, as decepções atormentão – são sempre um infortunio; mas aos vinte annos, quando so so tem tido desejos, sem se ter tido um gozo, aos vinte annos uma decepção dóe horriavelmente; dessecca o espirito, endurece o coração, vai matando de desesperação – se não mata instantaneamente.

« E' quando se deve ser fatalista: sim, porque se ha de, como eu, consacrar a infancia inteira á uma menina por uma inclinação irresistivel da natureza, nessa idade em que não se sabe comprehender os encantos de uma mulher: porque se ha de acompanhar-a passo á passo ua carreira de sua vida, vel a crescer como o beijaflor que se empenna, como a rosa que encrespa suas petalas, votar-lhe então um amor immenso e profundo, e depois..... e depois encontral-a um dia em sua passagem – imagem da indifferença de olhar de gelo – de seio de marmore – sem uma palpação que estremeça-lhe as rendas da camisinha de seu vestuario?! Porque havia

eu de alimentar uma esperança toda a minha vida, amar tanto uma mulher, descorar ao som de sua voz, ficar tremulo ao contacto de suas roupas perfumadas, cego quando a fitava, mudo quando queria fallar-lhe, louco quando beijei-lhe uns fios perdidos de seus cabellos, e depois.... e depois, morto de saudades, encontrei-a um dia n'um baile, esquecida e feliz, enquanto eu sentia a mente esvasiar-se dos unicos sonhos que teve, – despedaçar-se a esperança de tantos annos – e o coração estalar de dôr dentro do peito, que inda ha pouco o tinha sentido bater de felicidade?!

« Tenho soffrido muito, sem ter ao menos o consolo de poder despedaçar este amor, de esquecer as saudades do passado, de poder amar outra mulher cujo amor me distraia; sem ao menos minha razão conceder-me o prazer de queixar-me e de culpá-la, e o coração o impulso de desejar-lhe remorsos e soffrimentos.

« Ao contrario: eu vi-a triste um destes dias, e á noite escrevi este verso no meio de outros de uma poesia que intitulei – *Tão triste*.

Na dôr que vai gastando minha vida
Um consolo sómente me alentava;
Inda tinha um prazer do fundo d'alma
Era vel-a sorrir – quando eu penava.

« Se ella amasse-me ainda, e podesse justificar-se de minhas suspeitas, eu poderia ter no mundo ainda um verdadeiro momento de felicidade – eu viveria mesmo talvez muito; não morreria tão moço como presinto. Não é exaltação de romantismo; não zombem: quando na minha idade não se tem um desejo no futuro, quando todas as glórias, todos os gozos apresentão-se de antemão á uma imaginação joven, como um quadro desbotado, como uma pintura ríncula e futil, é porque a alma presente o termo de sua peregrinação na terra. Não zombem: quando tão moço ainda, passa-se indifferente pelo meio de todos os prazeres, entrega-se a todos elles, e não se encontra um gozo; insensível a tudo, sem um estremecimento ao contacto de uma belleza, sem um desvanecimento de vaidade a uma confissão de amor – já gasto e enfastiado sem ter gozado; não zombem, que é o instincto da morte que se mostra, um annuncio lugubre do tumulto precoce. Sim, não zombem; nesse tempo descuidoso da mocidade, aos vinte annos, sentir-se uma saudade extrema e profunda de sua mãe – junto della e ouvindo sua voz, – uma saudade de fogo insaciável defronte de sua imagem sagrada, é a despedida eterna, os adeuses instinctivos do coração de um filho.

« Comtudo, se ella me tivesse amado, eu não teria essa febre do espirito que consome minha vida, esse enlanguescimento d'alma que me mata de tédio. Eu teria ambições de gloria, presentiria um futuro cheio de galas e de flores; ella que o diga como eu sabia amal-a, e eu tinha ainda no coração muito amor para dar-lhe.

« Hoje perguntem-lhe se não acha impossivel amar-me.

« *Desde que existe um segredo entre dous corações que se amão, desde que um d'elles se tem podido resolver a occultar ao outro uma só idéa, o encanto rompeu-se, a felicidade está destruida: o arrebatamento, a injustiça, a distracção mesmo se prepara; mas a dissimulação lança no amor um elemento estranho que o desnatura e o mata a seus proprios olhos.* – E' um pensamento de um homem grave, posto nas palavras de um moço amoroso de seu romance; devemos aceitar-o, é de Benjamin Constant, na boca de Adolpho.

« Eu sempre tive este presentimento: nas minhas horas mais felizes essa idéa fazia de repente parar-me no coração as pulsações do contentamento, e trocar-me o tremor da emoção alegre pela immobildade da dor repentina. Se o pensamento de uma decepção torturava-me assim, como não deveria soffrer diante da realidade?!

— 108 —

« Mas já ia-me habituando ao meu padecimento, porque a via contente e feliz. Mas quando a vi triste, a purpura perfumada de sua boca divina um pouco empanada pela ausencia do sorriso que dourava sempre, tudo que eu senti nos meus momentos mais apaixonados dos dezoito annos, toda a vehemencia de idolatria que excitou-me a santidade de sua imagem nos primeiros tempos de meus amores, tudo renasceu em minha alma fraca e gasta pelo soffrimento, como um raio ardente do sol depois da tempestade vem reviver a flor abandonada da campina fechada pelo vendaval, para resequil-a com a ardentia de sua luz.

« A tristeza dava a seu semblante uns toques de divindade, tinha as tranças adoradas cahidas sobre os seios divinos resguardados pelas caças azuladas da *berthe* de seu vestido; quasi que ajoelhei-me pensando-a o meu anjo da guarda que me apparecia triste por não poder valer-me.

« E' bem verdade *que a mulher que chora tem attractivos irresistiveis; que quanto mais sua alma se eleva para o Céu mais o seu corpo de cobre de graça.* »

Calou-se

Tudo isto que tendes lidos, minhas leitoras, é uma especie de *lamentação da Jeremias*, com o que o monomaniaco do romancista atôrmentou-me os ouvidos uma destas noites

passadas. O narcotico foi em uma porção tao desesperada, que produziu-me o effeito contrario – tive uma insomnia. Ao menos, se o meu maldito e eterno conversador se tivesse occupado do romance, dava por bem empregada, por vossa causa, esta noite mal passada. Mas, como vistes, elle occupou-se simplesmente de sua *importante* vida. Se ha de fazer como eu?! Mas não; leva todo o santo dia, e quando Deus quer entra pela norte, a descompor o mundo. Elle é quem fica de peor partido; porque elle só a passar descomposturas no mundo, e o mundo inteiro a desandar-lhe outras tantas, quem ficará mais descomposto?

Acreditastes em tudo que elle disse?

Tenho-vos em melhor conta. Pensa elle que nos ha de impingir caraminholas dessas; mas está enganado – pelo menos comigo e minhas leitoras. Eu tambem amei muito; fui despresado, não sei se por *infame*, mas creio antes que foi pela razão por que todos o são; entretanto vou vivendo soffrivelmente: desfructo o proximo quando posso; não perco o meu theatrinho lyrico; olho muito para um rostosinho da quarta ordem, em que me embebido todo; aprecio com gosto o sorvete e a valsa nos bailes á que vou; e sigo agora um systema de namoro, muito diverso do que seguia, com o qual me tenho dado muito bem, porque livrou-me do maldito incommodo de ter ciumes e sonhos, – que d’antes me tiravão o somno.

Nos bailes mascarados, por exemplo, diverti-me á grande. Não perdi nenhum; por signal que foi n’um delles (já é tempo) que ouvi a continuação do romance, de um modo que eu não esperava, e que tambem vos surpreenderá.

No domingo, primeiro dia do Carnaval, estava eu no Provisorio, trajado com a minha sobrecasaca, e sem mascara, quando um Pierrot, essencialmente desfructavel, depois dos desfructabilissimos ou competentes pulos e cumprimentos, disse-me assim em tom de *persifflage* – que uma moça de um camarote da segunda ordem me tinha mandado chamar. Não havia nada mais natural e crível: dava-me com tantas que lá estavão, que bem podia ser que alguma quizesse dizer-me alguma cousa. Mas, por desconfiar do bom gosto das espirituosidades dos nossos mascaras, suppondo que o tal *Pierrot* quizesse divertir-se a minha custa fazendo-me entrar n’um camarote onde ninguem me conhecesse, nem me tivesse mandado chamar, respondi ao *marreco* que nao so nao ia, como que nao me continuasse a aborrecer com tal graça, que eu estava disposto a mandal-o plantar couves na horta do avo (não sei quem me ensinou isto), e a quebrar-lhe a *lata* ali mesmo, apezar da mascara de arame. A minha valentia e crível, não so porque, desconfiado como sou, *subi a serra* com a tal brincadeira, como tambem porque onde ha muita gente nao se briga.

O *Pierrot* parece que atordoado por essa resposta inesperada foi-se esgueirando mansamente, meio desconfiado, e em pouco sumiu-se totalmente de minha presença. Cinco

minutos depois, quando já o tinha esquecido, veio ter commigo, e mostrou-me um camarote do lado esquerdo da segunda ordem, onde distingui, graças ao grão onze de minha luneta, que um dominó amarello me acenava. Olhei para os lados, voltei-me para atrás, mexi-me e remexi-me, realmente incommodado; mas por fim verifiquei que o aceno era dirigido a mim mesmo. Logo que convenci-me disso, dirigi-me para lá. Acompanhava-me um certo receio, não sei mesmo de que; o facto é que a aventura nao me quadrava muito. Ha muita moça nesta minha terra, da pelle do diabo, como diz o povo, e podia-se fazer-me sahir de lá zunindo, á mim que me tenho em conta de rapaz serio, e que tenho o *bom* defeito de ser susceptivel, principalmente quando desconfio que querem lançar-me o ridiculo.

O *Pierrot* acompanhou-me até o camarote, e despediu-se na porta. Tive minhas vontades de tambem voltar; não estava me agradando muito a historieta; sou pouco amigo das cousas mysteriosas, para o que, confesso o meu fraco, tenho muito pouco geito. Mas resolvi-me; tirei o chapéo, ruguei o sobr'olho por causa das duvidas, entrei. Achei-me face a face, ou antes defronte do dominó que me tinha acenado; foi quando reconheci que aquellas sedas amarellas, quasi sem talhe, cahião sobre um molde de estatua, sobre um corpo voluptuoso de uma bella mulher; e tinha cá commigo que ella devia ter formulas morenas, cabellos negros, olhos grandes e languidos – talvez porque esse é o meu typo das bellezas voluptuosas. Tive pena que um pouco de seda azul bordada, sem expressão ou com a expressão dura e estúpida de mascara, tapasse aquelle semblante por força formoso e expressivo.

Ella estendeu-me graciosamente uma mão pequena, escondida na fina luvinha de pellica branca, que eu beijei do melhor modo que pude,

balbuciando automaticamente uma saudação de boa noite – de tão atordoado que deixou-me o perfume e a quentura deliciosa daquella mãosinha *gantée*.

O caso é que pensei-me alguma cousa assim parecida a conquistador: – mas me faltava o sangue frio, talvez pelo pouco habito; e faltava-me em tal quantidade, que fiquei feito um *dous de páos* de cartas portuguezas, pregado na cadeira, estúpido e mudo como um boneco de papelão. Ella conheceu naturalmente o meu estado deploravel, porque eu suava como um pobre diabo postado ao meio dia junto de uma fogueira, e tinha um maldito *pigarro* que *atrasava-me* o *capitulo*, dando a conhecer o meu profundo e estupendo *enfaretur*. Por fim, sempre achei um cumprimento muito banal para dirigir-lhe, que em fundo era un pedido para que tirasse a mascara. Não reproduzo a fórmula, por uma razão muito simples, para não vos pregar uma peta.

Bem haveis de reconhecer que, enfiado como eu estava, não podia decorar as palavras de que usei. Só sei que ella não tirou a mascara, e dirigindo-se a mim, ouvi n'uma voz de accentuado, doce, mas triste, esta frase que restituiu-me a calma, favoneando-me a vaidade. « Eu sou assignante do *Jornal das Senhoras*, e uma das mais constantes leitoras do seu romance *Um amor de mulher*: basta que me conheça por isso.

— Mas, minha senhora, respondi, não sou eu quem o escreve: o autor assigna-se X. Y., e eu me chamo.....

— Isso não prova póde ter razões para querer guardar o incognito: além disso eu sei positivamente que é o senhor mesmo.

« E me disse taes cousas, que era uma asneira persistir em negar; além de que, ella exigiu a minha palavra de honra, para confirmar o que dizia em prova de que não era o X. Y., o que eu não podia dar, accrescentando que se me daria tambem a conhecer depois, — se eu o confessasse, pois que tinha muito interesse em perguntar-me algumas cousas a respeito.

« Tudo, e principalmente a curiosidade de saber de quem era essa voz entristecida que me fallava, fez-me declarar a verdade.

— Agora diga-me, tornou ella com uma familiaridade que agradou-me; ha realmente nesse romance dous romancistas; ou por outra, duas pessoas diversas — uma que conta e outra que escreve, ou é um modo que o senhor escolheu de narrar esse facto?

— Ha duas pessoas diversas, minha senhora, eu que eserevo o romance, não sou o mesmo que tem o album, onde elle é contado, e que me o reproduz tal qual leu; de sorte que no romaue só ha minha a redacção, e daquelle que me conta só ha a leitura do facto.

— Mas quem deu á esse moço o album, ou como elle o adquiriu? tornou o dominó.

— Não sei, minha senhora; mas elle já prometeu dizer, como ha de estar lembrada, — se tem lido tudo quanto tenho escripto no *Jornal das Senhoras*.

— Mas elle conheceu a familia de Lucila e as outras personagens do romance?

— Pelo menos conheceu a Sra. D. Margarida, pelo que disse n'um dos primeiros capitulos, fallando della a respeito de saber fazer muito bons doces; o que elle confirmava, chamando como testemunha o seu bom gosto, que satisfez-se nas muitas vezes em que enterrou-se na boa cangica do norte feita pelas proprias mãos della. Não affianço porém que elle tenha conhecido Fernando — Lucila — Julia, etc., etc., porque podia-se ter dado com a velha em tempos mais proximos — quando essas pessoas já não estivessem em Pernambuco.

— Muito bem, Snr. X. Y., fico-lhe muito obrigada pelas suas informacoes; mas não quero lh'as ficar devendo: — se permittir, lhe pagarei na mesma moeda.

— Não comprehendo, minha senhora.

— Sim; – contando-lhe o Capitulo IX; entende-me agora?

— Mas como, se a senhora não sabe o facto?

— Fica por minha conta.

— So se o romancista contou-lhe; mas a senhora não o conhece, e além disso elle é tão preguiçoso que á mim, que ando todos os dias atormentando-o para que me acabe de contar o romance ainda não o fez. Talvez haja alguma combinação entre a senhora e elle, e que, para pol-a em execução, a senhora tenha lingido não conhecel-o.

— Dou-lhe minha palavra de honra que nunca o vi.

— Não posso atinar então como a senhora sabe de um facto passado em Pernambuco, ha tantos annos e tão particular, que é quasi um segredo de familia; pelo que, até concordámos trocar os verdadeiros nomes por nomes suppostos.

« Quando dizia isto, uma suspeita passou-me rapida pela mente – mas eu não tinha dados para fundamental-a: além disso apagou-se de repente ao passar-me esta outra que me fez córar: quem sabe, pensava eu commigo, se essa moça não esteve me debicando, e quer agora dar remate ao pagode que tomou á minha custa?!...

« Alguma de vós pelo contrario, talvez por não ter estado no camarote, esteja desconfiando que o dominó fosse o romancista fingindo-se de mulher. Mas, de já vol-o affianço, que não; porque, quem quer que seja, me fallava n'uma voz natural, tinha brincos, seios, e tudo que vos disse ulteriormente. Se conhecesseis o romancista, ririeis como loucas dessa suspeita; não porque elle seja horrendo, mas porque nunca vi ninguem mais sem geito de ser mulher do que elle: – nasceu para marmaujo. Essa desconfiança, nem a tive na occasião: estava occupado pelas outras, quando o dominó interrompeu-me em minhas reflexoes intimas, dizendo-me:

— Se quer ouvir agora, puxe a sua carteira para tomar os apontamentos que julgar necesarios.

— Pois não, minha senhora, póde começar quando quizer; mas, como confio em minha memoria, dispenso apontamentos. Tenho até grande curiosidade de ver de quanto é capaz o espirito de uma moça, se por ventura a senhora, contando esse capitulo, só pretender mostrar a maneira por que acabaria o romanee, se elle fosse seu. Já ha um exemplo, não muito infeliz, da

mão do finado que continuou o *Monte-Christo* de Alexandre Dumas; por isso não é de admirar que uma moça espirituosa querendo terminar um romance que é feito por um estudante, tenha um exito feliz. Prometto até, ainda que o capitulo que a senhora vai contar não pertença

realmente ao facto, publical-o com essa declaração no *Jornal das Senhoras*, para mostrar de quanto é capaz a imaginação de uma minha patricia. Só sinto que não seja originalidade.

— Pois bem; se desconfia, consulte ao romancista, e veja se o que lhe vou dizer não é exacto e verdadeiro, e se é apenas um capricho ou um devaneio de minha imaginação.

— Muito bem: sou todo ouvidos.

— Que horas são? perguntou-me ella.

Abri o meu relógio e respondi – onze horas da noite.

— Talvez não lhe possa contar hoje todo o capítulo; mas eu lhe direi onde moro, e ahi o senhor me conhecerá, e ouvirá o resto – se não puder acabar de contar-lhe agora.

— Sim minha senhora; e desde já agradeço esse offerecimento.

« Estavamos inteiramente sós, e houve um momento de silencio. O dominó rompeu-o primeiro, perguntando-me:

— Onde ficou o romancista no fim do capítulo VIII?

— Na reconciliação de Lucila com Fernando. Respondi eu.

« O dominó arrancou um suspiro, e balbuciou: – D'ahi data o infortunio de Julia. Depois levou aos olhos seu lencinho de cambraia, suspendendo a mascara, e disse lentamente: – Capítulo IX – o casamento.

Eu cruzei os braços, e n'uma doce contemplação desse corpo de sedas, ao som de uma voz entristecida, ouvi impressionado essa narração, ás vezes tão repassada de dor, que eu mesmo, que tenho o coração duro e secco como ôsso, derramei uma meia duzia de lagrimas, com todo o cuidado, dentro de um vidrinho, que vou offerecer ao Beaumelly como uma perfumaria exquisita para ter na vidraça da *trança monstro*, com o expressivo nome de *essencia de ternura*.

(Continua)

X. Y.

POESIA.

TÃO TRISTE.

Se a alma consumi na dor que mata,

E banhei de uma lagrima insensata

A ultima esperança,

Oh! não me odeies, não! eu te amo ainda,

Como dos mares pela noite infinda

A estrella da bonança.

(AZEVEDO.)

Tão triste, coitadinha, aos quinze annos,
Quando a vida se passa como um sonho,
Quando o Céu nos parece estar na terra,
Quando Judo no mundo é tão risonho.

Tão triste, – já tão cedo atormentada,
Ella, um anjo innocente e immaculado;
A face côr de rosa empallescendo,
Perdido o riso, o labio descorado.

Meu Deus, oh! lhe arrancai os seus receios,
Brazas ardentes que the queimão a alma;
Embora encante mais – entristecida;
Concedei-lhe de novo a paz, a calma.

Eu vos rogo por mim, que nesta vida
Tenho por ella padecide tanto;
Eu vos rogo por mim – ouvi a prece
D'um affecto profundo, immenso e santo.

Na dor que vai gastando minha vida
Um consolo sómente me alentava
Inda tinha um prazer do fundo d'alma,
Em vel-a sorrir – quando eu penava.

Perdi-o – como o nauta extraviado
A estrella perde que lhe acena o mundo;
Como os ultimos folegos da vida,
Estorcendo-se, perde o moribundo.

Rio de Janeiro, 22 de Março de 1854.

L...

TÃO TRISTE.

Yo no tengo una esperanza
Que me acalente em mi vida,
Soy como la hoja secca
E del arbol desprendida.

Tuve és certo en outros tiempos
Dentro de mi corazon
Una imagen hechissera-
Que me dió inspiracion.

En el jardin de mi pecho
Brotó-me la flor de amor,
Della tengo una lembranza
Prendida a mi crû dolor.

Tuve mis suenos do nino.
Tuve tambien illusiones,
Soue amores del cielo,
Fueron mentidas visiones.

— 111 —

luireon todas – e solo
De ia vida en lo desierto,
Me dejaron – como estatua
Sobre la tumba de un muerto.

Sin padre, madre, ni amor,
Amo el sól e las mananas
Toda mi vida se encierra
En ellos e en mis hermanas.

Solo e triste en el mundo
Todo yo soy un mysterio,
Asta que llege la muerte
E me llebe al cemitério.

S. Paulo, Setembro de 1853.

Quintino Bocayuva.

CORREIO DOS SALÕES.

Sempre lamentei, queridas leitoras, e por certo também lamentareis commigo, a desordem e desperdicio que nesta nossa boa terra presidem á distribuição de todas as cousas, e principalmente de divertimentos e distrações, que de ordinario se accumulao todos em um mesmo dia, para nos deixar, durante muitos outros, a braços com tanto desenhamento, com tanta insipidez, que causaria tédio ao mesmo Diogenes.

E' assim que depois de longamente martyrisado pela falta de novidades que occupassem os espiritos, a nossa bella e poetica cidade do Rio de Janeiro vio afinal, no dia 25 de Março, romper-se o véo da monotonia que a envolvia e atravez das suas largas rupturas descobriu quatro pontos luminosos, quatro fachos que lhe acenavao, quatro faróes que a chamavão, parecendo cada um delles merecer-lhe mais attenção que os outros: quero fallar do Paço com sua parada; da rua do Ouvidor com a sua illuminação a gaz; do theatro de S. Pedro com a sua *Clotilde*; do Provisorio com a sua *Merope*.

O espectaculo de tropas reunidas, e as marchas militares com suas musicas marcises, são cousas que se reproduzem frequentemente entre nós, e que não obstante sempre vemos com interesse e enthusiasmo; é que estes movimentos, que essas manobras militares nos trazem a idéa dos campos de batalha, onde nossos pais, nossos irmãos, nossos parentes, nossos patricios emfim, derramão até a ultima gotta do seu sangue pela sua cara patria, e essa dedicação é o heroismo, e o heroismo é a poesia, e a poesia exalta os espiritos e arrebatá os corações; é que essa reunião de homens cobertos com suas armas que reflectem á luz do sol, nos lembrão esses guerreiros dos tempos passados, que voluntaria e alegremente se batião pela religião, pela hora, pelo amor, e essas façanhas são a bravura, e a bravura é a poesia, e a poesia nos enche os corações de ineffavel prazer, e nos eleva os espiritos acima de nós mesmos; porque a poesia é ùlha dos anjos.

Debaixo deste ponto de vista a parada de 25 de Março não vos foi indifferente: ella vos tirou da monotonia, ella vos exaltou o espirito, ella vos arrebatou o coração.

A rua do Ouvidor não foi para vós um espectáculo menos interessante. Não fallemos no sem numero de pessoas que ahi affluirão, e que formigavão por esse o mais importante dos logares, onde tivemos pela primeira vez a illuminação a gaz; vejamos sómente que impressões deverão sentir aquellas de vós, que, como eu, ahi se achárão. Qual das minhas bellas leitoras não vio com alegria na somma desses candieiros gazosos a prova mais clara que se póde ter do nosso adiantamento, e em cada uma de suas parcellas uma estrella miraculosa que nos annuncia una futuro de grandeza e de gloria?

Qual d'entre ellas, pensando um pouco comsigo mesma no rapido progresso da nossa capital, não nutriu desde logo a esperanza de chegarmos em breve á uma quadra feliz, em que as ruas se contem por theatros, e as casas por bailes? Qual foi a que não embalou a sua imaginação com essas doces idéas, com esses pensamentos deliciosos?

Cá pela minha parte, minhas leitoras, tambem os tive; mas, infeliz como sou, não os pude fruir por muito tempo; porque a chuva, minha inimiga votada, constante em me atormentar, mandou-se-me annunciar por uma maçaute neblina, que de prompto me arrancou, desses sonhos de imaginação e de esperanza, para o mudo das realidades; das tristes realidades, que desta vez o forão mais do que nunca; porque o ar humido e as calçadas molhadas bons defluxos devem ter causado; não privando, comtudo, que muitas das minhas leitoras fossem ao theatro de S. Pedro, onde o nosss bem conhecido João Caetano dos Santos mais uma vez teve occasião de patentear seu genio artistico e seus vastos talentos dramaticos, excedendo-se a si mesmo de uma maneira que vós melhormente podeis imaginar do que eu descrever.

Aquellas de minhas leitoras que, deixando de parte o theatro de S. Pedro, forão ao Provisorio, preferindo assim os prazeres que chegão á alma pela audição, dos que lá vão ter pelo orgão da visão, estas não forão menos felizes que as primeiras; porque, no meu fraco modo de pensar, os destroços da nossa velha companhia lyrica, ou por insolito enthusiasmo que lhes rebentou no espirito, ou por belleza e melodia proprias da opera, ou por outra qualquer cousa, que eu ignoro, fizerão as horas passar mais rapidas do que costumão, e a Sra. Zecchini e o Sr. Gentili, mais de uma vez, arrancárão applausos, que julgo bem merecidos; talvez por não ser grande cousa na arte musical.

Seja como for, contentai-vos com elles e com

o que vos tenho dito, e esperai commigo a proxima chegada dos novos cantores, vós para deleitardes vossos ouvidos com suas melodias, e eu para ter materia mais fresca e mais interessante de que compor uma chronica que mereça tal nome, *en attendant* contentai-vos com estas seccas e sem graça.

C...

BOLETIM MUSICAL.

Mais fertil foi esta semana do que a passada em algumas novidades do mundo musical que merecessem citação em um artigo: e nem era de esperar que no dia anniversario da nossa Constituição politica, que foi no decurso desta semana, nao achassemos um facto importante a registrar nas columuas deste jornal. Com effeito, appareceu pela primeira vez uma banda de musica de menores do arsenal de Marinha, a qual, no muito curto espaço de quatro mezes, aprenden musica, compasso, solfejos, e embocadura de diversos instrumentos, para poder apresentar-se em publico executando perfeitamente duas valsas e duas marchas de bom gosto e instrumentação variada. Foi para nós, curiosa por natureza do sexo, objecto de curiosidade saber quem era o mestre de discipulos que tanto o honravão, e soubemos que é o talentoso moço, o Sr. João Pereira da Silva. Nao o conhecemos; mas o felecitamos pelo bom resultado de suas fadigas, e o recommendamos ás nossas leitoras.

Na noite do mesmo dia, executou a orchestra do theatro de S. Pedro a valsa *Princeza Imperial*, composição do distincto musico, o Sr. Antonio Xavier da Cruz Lima; e aproveitamos esta noticia para renovar a observação de uma nossa amiga, a qual notou que no dia 14 de Março não fosse executada no theatro Provisorio pela orchestra uma outra valsa do mesmo autor, e de não menor merecimento e bellezas, dedicada a S. M. A Imperatriz.

Tambem nos noticiárão que no dia 26 do mez passado, na festa do Sacramento, foi de admiravel effeito o arpejo dos segundos violinos, no solo de *Domine Deus*; comquanto seja digno de censura que o instrumental fosse tão forte, devendo ser pianissimo, acompanhando o canto: felizmente, porém, esta desagradavel impropriedade foi logo depois compensada pelo extremo prazer que produziu no auditorio uma bella e brilhante phantasia executada em frauta pelo Sr. Francisco da Motta quando subia o orador para a tribuna; o que tanto mais admirou á nossa amiga, a quem devemos estas noticias, quanto havia ella notado que o mesmo professor havia pouco antes acompanhado a orchestra com o fagote, cuja embocadura é tão diversa da da frauta: o que se póde interpretar como prova para aquilatar-se o merecimento artistico do Sr. Motta, como frautista, sem que com isto queiramos despreciar o muito merito de outro

professor, o Sr. Lima, cujo talento, execução e bom gosto, são muito conhecidos do nosso publico para carecerem de qualquer justificação.

Concluiremos este pequeno boletim lembrando quanto seria digno de apreço o nosso *Conservatorio de musica*, se houvesse, não já em quatro mezes, mas em um anno, apresentado uma banda de musica de seus discipulos, ou uma companhia de córo para o theatro lyrico formada por seus discipulos.

Talvez que esta impossibilidade seja devida ao systema de ensino, e tanto disso estamos persuadida que desde já propomos a quem competir a refórma desse systema que tão mal tem provado neste util estabelecimento de bellas artes.

Alina.

Anedota.

Certo fidalgo muito mordaz, fallando um dia com um cirurgião, e dizendo-lhe este que tinha um favor a pedir-lhe – « E então o que é, mestre alveitar? lhe disse o fidalgo por zombaria. – A honra de tratar de V. Ex., acudiu promptamente o cirurgião.

Maxima.

É mais facil ganhar applausos, que escapar á censura: o applauso póde obter-se por um unico feito distincto na vida; mas, para livrar-se da censura, é preciso viver sempre sem dizer nem fazer cousa alguma que desdiga do bom comportamento: mesmo assim ainda ha quem censure.

A charada do n.º 13 é: *Somno*.

Acompanha este n.º 14 uma estampa com figurinos de baile.

TYP. DO *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.